

Beatriz Padilla* e Maria Xavier**

Organizadoras do Número Temático sobre Migrações
entre Portugal e América Latina

Portugal acolhe, em 2009, a XIX Cimeira Ibero-Americana. Membro da Secretaria-Geral Ibero-americana (SEGIB) e da Organização de Estados Ibero-americanos (OEI), o país receberá, a 30 de Novembro e 1 de Dezembro próximos, os Chefes de Estado e de Governo dos 22 países do espaço ibero-americano. Um dos eixos estratégicos da agenda política da Conferência Ibero-americana são as migrações internacionais e a sua relação com o desenvolvimento e os direitos humanos, que afectam transversalmente todos os países do projecto ibero-americano.

Neste contexto, este número da Revista Migrações, dedicado ao movimento migratório entre Portugal e a América Latina, representa para nós, organizadoras, a responsabilidade de contribuir para o debate político e científico do tema. Corresponde, no plano institucional, à missão comum da Casa da América Latina e do CIES-ISCTE-IUL, através do ELARP (*Europe and Latin America Research Programme*), de promover o conhecimento sobre a América Latina em Portugal, afirmando este espaço na agenda institucional e científica portuguesa. Reconhecemos, ainda, o valor subjectivo deste projecto, na medida em que cada uma de nós, organizadoras, construiu o seu percurso entre estes dois mundos, criando pontes e oportunidades de contacto, a vários níveis, entre eles.

O movimento de pessoas como elemento de ligação histórica entre Portugal e os países da América Latina é a razão pela qual o número se divide entre os portugueses que partiram para a América Latina e os latino-americanos que escolheram viver em Portugal. Esta edição é, portanto, um número de dupla face, que compreende o fenómeno migratório no seu conjunto, olhando, ao mesmo tempo, para as duas direcções (emigração/imigração) e para as duas perspectivas (a da origem e a do destino) de um mesmo movimento.

Portugal tem sido e continua a ser um país de emigração. Por um conjunto de factores inter-relacionados, os portugueses têm saído de Portugal atraídos por melhores condições de vida. Até ao fim da Segunda Guerra, partiam para o continente americano, onde alguns países recorriam à imigração europeia como recurso de desenvolvimento (necessidade de mão-de-obra, estratégias de ocupação territorial e "branqueamento" da população). A seguir, no período pós-guerra, partiam sobretudo para os países em processo de reconstrução, como a França e a Alemanha. Actualmente tem comunidades emigrantes em 140 países do mundo.¹

* Politóloga e socióloga, investigadora sénior do CIES-ISCTE-IUL e coordenadora do ELARP / Political scientist and sociologist, senior researcher at CIES-ISCTE-IUL and coordinator of ELARP / (beatriz.padilla@iscte.pt)

** Socióloga e coordenadora de programação e comunicação da Casa da América Latina/Sociologist and coordinator of programming and communications at Casa da América Latina (mxavier@c-americalatina.pt)

A presença de portugueses na América Latina é antiga. No Brasil, de colonos tornaram-se imigrantes. Destino preferido até à segunda metade do século XX, o fluxo foi constante, diminuindo daí para a frente e com algumas oscilações, como na década de 70 com a Revolução de Abril e a descolonização. Dos países latino-americanos, o Brasil é aquele que mais portugueses recebeu, razão pela qual apresentamos artigos que ilustram diferentes facetas desta imigração (Padilla *et al*; Rocha-Trindade e Fiori; Fonseca; Silva; Graça). Nos demais países, são sobretudo as trocas comerciais que iniciam a presença portuguesa, promovida mais tarde por políticas imigratórias de atracção. É o caso de Argentina, Uruguai e Venezuela, em períodos e intensidades diferentes (Xavier; Padilla *et al*). Este movimento explicará a imigração de contra-corrente de latino-americanos que se verifica mais tarde para Portugal, Espanha e Itália principalmente.

A presença de latino-americanos em Portugal e na Península Ibérica, mais recente, deve ser considerada no âmbito de um sistema migratório ibero-americano. Para este sistema, que também é um sistema de preferências, contribuem factores de ordem política, económica, cultural e linguística. Pode-se falar em preferências tanto por parte dos Estados, que desenvolvem políticas específicas (como referem os artigos de Rocha-Trindade e Fiori, no caso luso-brasileiro, e de Actis, no caso de Espanha com os países de língua espanhola), como por parte dos indivíduos, que emigram motivados, entre outros factores, por afinidades culturais (entre eles a língua). Geram-se assim as redes sociais que sustentam os fluxos ao longo do tempo, como vários dos artigos demonstram (Siqueira; Machado; Góis *et al*; Padilla *et al*).

Este sistema migratório ibero-americano não deve ser analisado isoladamente e sim em relação com outros sistemas. No caso do continente americano, os EUA têm funcionado como o principal pólo de atracção dos emigrantes latino-americanos. No entanto, com os atentados do 11 de Setembro de 2001, a política imigratória norte-americana passou a ser também uma questão de segurança, tornando-se ainda mais restritiva. No caso do Japão, outro pólo de atracção para brasileiros e peruanos, a recente crise económica tem provocado o retorno de imigrantes.

Neste sentido, a Europa, e nomeadamente Portugal, são destinos que se constroem em inter-relação com outros, como peças de um jogo de preferências e concorrências. A favor do destino português, para além das relações históricas e culturais já assinaladas, contribuiu, em particular, a entrada na Comunidade Económica Europeia, em 1986. Numa economia em desenvolvimento, verificou-se uma reestruturação do mercado laboral, com a necessidade acrescida de mão-de-obra em sectores específicos. Desde então, os brasileiros são o grupo que mais cresceu, representando 24% do total de estrangeiros residentes em Portugal e, destes, 95% do total de latino-americanos. A sustentabilidade desta corrente, assente em redes sociais, assimetrias económicas e continuidades culturais, é a razão pela qual lhe dedicamos especial atenção. É também a oportunidade de apresentar dimensões

do fenómeno pouco estudadas e de introduzir novas questões como o retorno (Goracci e Bronzin; Siqueira), a vivência na origem - na cidade e na família - (Machado; Siqueira), o associativismo transnacional (Coêlho) e o papel do Estado (Moraes; Acosta; Barreto).

Em contraste com a imigração brasileira, destaca-se a invisibilidade e o desconhecimento sobre os demais latino-americanos em Portugal. Poucos expressivos numericamente, o conjunto dos latino-americanos, excluindo os brasileiros, soma 5.885 (SEF, 2008). Apresentamos, neste número da revista, o primeiro trabalho empírico sobre esta corrente, dando a conhecer, ainda que de forma preliminar, quem são estes latino-americanos e o seu olhar em relação aos portugueses.

Finalmente, a leitura global dos artigos permite-nos identificar algumas orientações gerais, o que não seria possível em separado. Do lado dos países latino-americanos, na sua relação com a península ibérica, pode-se considerar que os países do Cone Sul, Brasil e Venezuela funcionaram como uma dupla plataforma, primeiro de imigração e actualmente de emigração. Relativamente à emigração portuguesa para a região, destaca-se a capacidade associativa dos portugueses nos diferentes contextos migratórios e a importância das políticas de reciprocidade entre Portugal e o Brasil.

Do ponto de vista ibérico da imigração, é-nos possível fazer uma análise comparativa e, com algum cuidado, prever algumas tendências. Assim, vemos como a expressividade numérica dos brasileiros não é exclusiva a Portugal. Em Espanha, os brasileiros registados sextuplicaram entre 2000 e 2009, totalizando cerca de 150.000. Igualmente, os grupos que mais cresceram em Espanha são aqueles que também mais crescem em Portugal, como os equatorianos, os colombianos, os bolivianos e os paraguaios, entre outros, embora nem sempre expressivos. Uma outra semelhança entre os países ibéricos são os processos de regularização, que na prática têm beneficiado os latino-americanos. Tanto há vantagens para os latino-americanos de língua espanhola em Espanha como para os latino-americanos de língua portuguesa em Portugal (os brasileiros beneficiam em exclusivo do estatuto de igualdade), ainda que em Portugal se observe a tendência para substituir a preferência lusófona pela equiparação dos demais imigrantes.

As contribuições dos autores estão organizadas em artigos científicos, programas e referências de boas práticas e artigos de opinião. Os artigos científicos dividem-se em duas partes: imigração e emigração.

Na primeira parte, relativa à imigração, no primeiro artigo Padilla faz uma leitura retrospectiva e holística dos fluxos migratórios actuais, servindo-se de teses explicativas que vão desde os laços coloniais a explicações recentes da globalização. O artigo de Moraes explora um tema pouco conhecido, as chamadas políticas extraterritoriais de vinculação dos estados latino-americanos para com as diásporas, uma consequência directa da realidade migratória latino-americana a que

os estados não ficam alheios. Em estreita relação, o texto de Acosta, de grande actualidade, analisa as reacções dos países latino-americanos à política de imigração europeia cada vez mais restritiva, incluindo algumas recomendações no sentido de uma política de repatriação mais humana. O artigo de Actis sintetiza a evolução da imigração latino-americana em Espanha, apontando o aumento substantivo dos fluxos e tentando traçar os perfis sócio-demográficos mais relevantes das diferentes comunidades nacionais. O texto de Padilla e Ortiz faz uma primeira aproximação ao perfil social, económico e ocupacional dos latino-americanos residentes em Portugal. Com uma abordagem também qualitativa, a investigação incluiu entrevistas institucionais e semi-dirigidas a imigrantes latino-americanos que chegaram a Portugal em diferentes épocas.

Os seguintes textos sobre a imigração são específicos sobre os brasileiros. O texto de Góis *et al.* apresenta resultados preliminares de um projecto em curso sobre a imigração brasileira em Portugal, permitindo conhecer detalhes sobre os fluxos mais recentes, ainda não estudados, e que indicam a sua intensificação. O texto de Siqueira discute um tema até agora desconhecido em Portugal, que é a mobilidade social dos emigrantes retornados à origem (Valadares), comparando aqueles que regressam dos EUA e de Portugal. Numa óptica semelhante, o artigo de Machado discute também um tema pouco investigado em Portugal: a questão das famílias que ficam, como elas lidam com a saída dos seus membros, como imaginam a ausência causada pela emigração e a importância das remessas marcam na vida familiar.

Na segunda parte, relativa à emigração, o artigo de Xavier trata a emigração para a Venezuela na perspectiva cronológica das políticas de imigração, desde 1871 à actualidade. Padilla *et al.* focam, mais abaixo, a região platina, compreendida pelo Sul do Brasil, a Argentina e o Uruguai, analisando as formas de associativismo migrante e a sua inter-relação com actores locais. Os textos seguintes referem-se à emigração para o Brasil. Rocha-Trindade e Fiori demonstram a reciprocidade de preferências por parte dos dois países - o Brasil que privilegiou receber imigrantes portugueses e Portugal cujos emigrantes o preferiram como espaço de destino. O artigo de Fonseca, numa perspectiva histórica, retoma o tema das associações no princípio do século XX, desta vez de auxílio mútuo na cidade do Rio de Janeiro. Por sua vez, Silva analisa uma dimensão pouco conhecida da emigração portuguesa para o Brasil, a da dinâmica das relações sociais e dos conflitos que caracterizaram a oposição ao Estado Novo.

Na secção de programas e referências de boas práticas, os artigos abrangem tanto a imigração como a emigração. Aguiar conta-nos sobre a experiência do Conselho das Comunidades Portuguesas de 1980, uma iniciativa inteiramente nova de organização democrática e representativa dos emigrantes portugueses no mundo, descrevendo as vicissitudes e transformações ao longo do seu percurso. O texto de Barreto, actual Cônsul Geral do Brasil em Lisboa, aborda o tema da emigração dos brasileiros como uma nova realidade para o país e as respostas encontradas pelo

Estado brasileiro, constituindo um exemplo das chamadas políticas de vinculação a que se refere Moraes. O texto de Goracci e Bronzin, da Organização Internacional das Migrações, descreve o programa de retorno voluntário assistido (RVA) e a sua expansão em Portugal. Este programa apoia imigrantes que não podem ou não querem permanecer nas sociedades de acolhimento a retornar ao país de origem. O texto de Coelho olha para o associativismo transnacional brasileiro como uma referência de boa prática na qual são os próprios sujeitos migrantes que se organizam para defender os seus direitos, exercendo uma cidadania alargada que visa melhorar a sua inserção no destino e na origem.

O número termina com três artigos distintos de opinião. O primeiro situa-se no plano político, em que o Secretário-Geral Ibero-Americano Enrique Iglesias aborda a evolução do tema das migrações na agenda governamental ibero-americana, revendo decisões, compromissos, programas de acção e principais objectivos. No segundo artigo, Roberto Speciale, Presidente da Fondazione Casa America, em Génova, apresenta o lugar das migrações nas actividades que desenvolve, quer na perspectiva histórica quer do diálogo intercultural, com o acolhimento, em 2009, dos membros da *Red de Centros Culturales de América y Europa*. Finalmente, a revista termina num registo pessoal, com o testemunho de Quartin Graça, ele que emigrou para o Brasil com a revolução de Abril, experiência marcada por muitos factores mas, sobretudo, pela solidariedade étnica, ao contrário do sugestivo título de capa “A incrível vida dos milionários portugueses que fugiram para o Brasil”, em edição recente da revista Sábado (Agosto de 2009).

Para terminar, umas palavras de agradecimento, desde logo, à Alta Comissária para a Imigração e Diálogo Intercultural, Dra. Rosário Farmhouse, e ao Coordenador do Observatório da Imigração e Director da Revista Migrações, Eng.º Roberto Carneiro, pela oportunidade de organizarmos, a tempo da Cimeira, este número da Revista. À coordenadora editorial da revista, Dra. Catarina Reis Oliveira, pelo acompanhamento de todo o trabalho. Ao Presidente do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE-IUL (CIES-ISCTE-IUL), Prof. Doutor Fernando Luís Machado, e ao Secretário-Geral da Casa da América Latina, Dr. Alberto Laplaine Guimarães, pelo apoio incondicional à realização deste projecto, para o qual facilitaram todo o tipo de recursos. Agradecemos aos assistentes de investigação Teresa Santos e Irving Mercado pelo entusiasmo e dedicação, constituindo uma verdadeira equipa intercultural latino-americana. À Adriana Drago e à Inês Freitas, na CAL, e ao secretariado do CIES-ISCTE-IUL, por darem todo o apoio necessário. À Dra. Paula Lauria, tradutora, pela capacidade de resposta e boa disposição. À Fundação de Ciência e Tecnologia pelo apoio às traduções. A todas as instituições que contribuíram com dados - as Embaixadas dos países latino-americanos em Lisboa, o SEF e o INE - o nosso obrigada. E, finalmente, o nosso reconhecimento aos autores, eles que aceitaram contribuir, num prazo de tempo tão curto, com textos substanciais e originais. A qualidade e a diversidade marcam o conjunto dos artigos, produzidos a partir de experiências e inserções distintas, do plano académico ao governamental. Foi gratificante reunir, num único suporte, autores que, de outro modo, talvez não se encontrassem. São

olhares que se cruzam e mostram as várias faces das migrações entre Portugal e a América Latina.

Notas

¹ Como consta no site do recém-criado Observatório da Emigração www.observatorioemigracao.secomunidades.pt